

AS EXPERIÊNCIAS
DIASPÓRICAS
DE MULHERES
HAITIANAS
ESTUDANTES DA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
INTEGRAÇÃO
LATINO-
AMERICANA

[ARTIGO]

Angela Maria de Souza

Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Karina Schiavini

Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

As experiências migratórias femininas, por ocorrerem em menor contingente, foram historicamente silenciadas. Também foram atribuídas a elas, de forma homogeneizante, a vinda para cá com o objetivo da reunião familiar – colocando-as de forma passiva diante desse fenômeno e invisibilizando a multiplicidade de suas vivências. Fundamentado na importância da perspectiva de gênero nas pesquisas sobre migrações, este trabalho propõe analisar a experiência diaspórica a partir do relato de seis mulheres haitianas estudantes da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), cujos ingressos se deram principalmente por meio do Programa Pró-Haiti, e, da exploração do diário de campo, em que foram registradas vivências compartilhadas com a comunidade haitiana durante os anos de 2016 e 2017. Além de abordar a trajetória de migração dessas mulheres, também pretende-se explorar suas atuações dentro desse espaço e a integração de saberes diversos com estudantes advindas/os de outros países, assim como suas pretensões futuras.

Palavras-chaves: Diáspora. Migração feminina. Mulheres haitianas. Representatividade negra. Unila. Programa Pró-Haiti.

Because female migration experience occurred at a smaller level, it was historically silenced. Their purpose was also assumed to be that of family reunion by others – rendering them passive subjects of this phenomenon and turning the variety of their experiences obscured. Based on the importance of gender perspective in migration research, this paper analyzes the diaspora experience according to the report of six Haitian female students of the Federal University of Latin American Integration (Unila), whose entrance occurred by means of the *Programa Pro-Haiti*, as well as the field diary in which experiences shared with the Haitian community were recorded between 2016 and 2017. Aside from approaching the migration trajectory of these women, their actions within this space, the integration of diverse knowledge with students from other countries and their future intentions will also be discussed.

Keywords: Diaspora. Female migration. Haitian women. Black representation. Unila. Programa Pró-Haiti.

Las experiencias migratorias femeninas, por ocurrir en menor contingente, fueron históricamente silenciadas. Se atribuyeron a ellas, de forma homogeneizante, la venida hacia acá con el objetivo de la reunión familiar – colocándolas de forma pasiva ante este fenómeno e invisibilizando la multiplicidad de sus vivencias. Fundado en la importancia de la perspectiva de género en las investigaciones sobre migraciones, este trabajo propone analizar la experiencia diaspórica a partir del relato de 6 mujeres haitianas, estudiantes de la Universidad Federal de la Integración Latinoamericana (Unila), cuyo ingreso se dio principalmente a través del Programa Pró-Haiti y de la explotación del diario de campo en el que se registraron vivencias compartidas con la comunidad haitiana durante los años 2016 y 2017. Además de abordar la trayectoria de migración de estas mujeres, también se pretende explorar sus actuaciones dentro de este espacio y la integración de saberes diversos con estudiantes de otros países, así como sus pretensiones futuras.

Palabras clave: Diáspora. Migración femenina. Mujeres de Haití. Representatividad negra. Unila. Programa Pró-Haiti.

Introdução

Fruto da diáspora africana iniciada no século XVI, em um processo escravocrata, há no território da América Latina e do Caribe a presença de afrodescendentes com raízes em diversas culturas africanas (REIS, 2012). Desde que foi iniciado esse processo de desterritorialização, novas identificações e resistências¹ começaram a ser criadas pelo povo negro. As mulheres africanas fizeram movimentações importantes desde o período colonial, no sentido de conseguirem sobreviver à diversidade de violências impostas, assim como objetivando a libertação do povo negro, ressalta a autora. De acordo com Pimentel (2010), a mulher africana escravizada foi violada na mesma proporção que suas terras – violências vividas que repercutem até os dias atuais, pois estas seguem sendo encarceradas em estereótipos e barreiras sociais.

Este trabalho objetiva analisar os movimentos diaspóricos de mulheres haitianas estudantes da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), utilizando o conceito de diáspora trabalhado por Marilise Luiza Martins dos Reis (2012), a partir dos conhecimentos tecidos por Stuart Hall (2003) e Paul Gilroy (2001), que utilizam o conceito de forma a ampliar a ideia de deslocamento forçado da população africana. Essa abordagem nos permite a análise da dimensão cultural à qual as populações afros estão imersas no mundo, pois as experiências traumáticas do deslocamento forçado ao qual o povo africano foi

¹ Com o evento da colonização, a ideia de raça e gênero foi engendrada legitimando a dominação europeia.

violentamente submetido seguem gerando uma circularidade temporal, que produz novos deslocamentos, que, por sua vez, geram contatos com outras populações negras no mundo, permitindo ressignificações e recriações (REIS, 2012).

O presente ensaio é fruto da dissertação de mestrado intitulada *Mawonaj fanm: mulheres haitianas estudantes da Unila* concluída em 2018. Para fundamentação deste trabalho, utilizei a análise de seis entrevistas realizadas com mulheres haitianas estudantes da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila) e de registros realizados em diário de campo de vivências compartilhadas com a comunidade haitiana nessa universidade e em outros espaços da cidade de Foz do Iguaçu-PR durante os anos 2016 e 2017. Porém, a realização deste trabalho é a efetivação de uma oportunidade de realizar novas conexões.

A Unila como possibilidade de estudos em terras brasileiras

De acordo com o Ministério dos Haitianos Residentes no Exterior (HANDERSON, 2015), estima-se que entre 4 e 5 milhões de haitianas/os residam em outros países, o que representa a metade da população do país, que, de acordo com o censo realizado em 2013, é de aproximadamente 10.413.211 habitantes. Há diversos fatores que impulsionam haitianas/os a buscar sua sobrevivência em outros países, de forma que a diáspora é tão presente na vida das/os haitianas/os que esse vocábulo

é utilizado no cotidiano para se referir a diversas situações².

Diante da onda migratória haitiana para o Brasil e ao considerar a importância da inserção das/os haitianas/os na sociedade brasileira e a destruição de diversas instituições de ensino superior com o terremoto ocorrido no Haiti em 2010, o governo brasileiro criou políticas públicas educacionais voltadas para esse público. Dentre elas, o Programa Emergencial Pró-Haiti em Educação Superior que, sob a coordenação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), elaborou uma política de implementação de bolsas de estudos a fim de facilitar a entrada e manutenção de haitianas/os em nível superior do Brasil, se enquadrando como uma ação afirmativa (MARINO, 2016).

Dentre outras universidades, o Conselho Universitário da Universidade Federal da Integração Latino Americana (Consun-Unila), instituiu por meio da resolução 037 a criação do Pró-Haiti (Programa Especial de Acesso à Educação Superior) como um programa paralelo ao apresentado anteriormente, que reservou vagas para haitianas/os portadoras/es do visto humanitário residentes no Brasil, com direito à assistência estudantil.

² Para ler mais sobre este assunto: SCHIAVINI, Karina. **Mawonj fanm**: mulheres haitianas estudantes da Unila. Orientadora: Angela Maria de Souza. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Latino-Americanos) - Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Universidade Federal da Integração Latino Americana, Foz do Iguaçu, 2018; e: HANDERSON, Joseph. **Diáspora: sentidos sociais e mobilidades haitianas**. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 43, p. 51-78, 2015.

O programa ocorreu no ano de 2014, selecionando 83 estudantes para iniciarem seus estudos no ano de 2015, em que outras/os 10 estudantes foram selecionadas/os. Em 2016 não houve ingresso de estudantes por meio desse programa e, em 2017, esse edital foi novamente lançado com 20 vagas para estudantes receberem auxílios-estudantis (sendo que 10 estudantes foram contemplados com auxílio-alimentação e auxílio-transporte e 10 estudantes somente com auxílio-alimentação, todos com a possibilidade de ingressarem nos 29 cursos ofertados na universidade no ano de 2018). Ao todo, ingressaram 38 discentes de nacionalidade haitiana nesta universidade. Em 2018, no Processo Seletivo Internacional para candidatos da América Latina e do Caribe foram inclusas outras nacionalidades, inclusive a haitiana, não havendo mais edital específico para elas/es, e, em 2019, 24 estudantes haitianas/os foram aprovados e ingressaram na Unila³.

A Unila está localizada em Foz do Iguaçu-PR e foi criada em 2010 com a proposta política e pedagógica de promover a integração dos países latino-americanos. Nessa universidade, advêm pessoas de diversos países, o que implica em uma diversidade cultural que pode ser sentida em diversos aspectos: diferentes idiomas que se ouve pelos corredores e espaços de interações, com diferenças de sotaques; também percebe-se em aspectos da corporalidade (vestimentas, acessórios, gestualidades etc); nas comidas e bebidas que são vendidas nos intervalos pelas/os estudantes; há também diversas

³ Essas informações foram acessadas nos editais dos programas citados e entrando em contato com a Pró-Reitoria de Relações Institucionais e Internacionais (Proint) da Unila.

manifestações nos muros e paredes que são realizadas em diferentes línguas e que demonstram múltiplos posicionamentos políticos. Mas essas interações ultrapassam as paredes da universidade e também acontecem nas moradias (sendo elas estudantis e/ou repúblicas), nos encontros informais e nas relações que vão se construindo.

Nesses espaços, ocorrem interações intelectuais e afetivas que proporcionam intercâmbio de experiências e culturas, como aulas de dança afro, percussão (tambores), crioulo haitiano, guarani e aymara. Mesmo as salas de aula são espaços de fortalecimento e compartilhamento de vivências de outras culturas, que permitem a construção de laços de solidariedade e o estabelecimento de trocas que extrapolam as origens étnicas.

Diante desse cenário de diversidades, o Programa Pró-Haiti possibilitou o acesso de haitianas/os que passaram a compor a rede de compartilhamento de visões de mundo com outros grupos que compõem a Unila.

A Unila como território de encontros e resistências

Quando adentram o espaço universitário, muitas/os haitianas/os encontram dificuldades financeiras, linguísticas e culturais, que por vezes tornam-se empecilhos para seguir os estudos. As/os que permanecem, apropriam-se desse espaço como um lugar de protagonismo.

Durante a realização da pesquisa, percebemos que estudantes haitianas/os

participaram de projetos de extensão e criação de diversas ações para que aspectos de suas culturas fossem visibilizados e compartilhados – dia da bandeira, noite cultural e jantar caribenho, aula de crioulo e francês, oficina de culinária, música, literatura e cinema haitiano⁴ – contribuindo assim para a construção de saberes plurais e decoloniais, imposição de respeito e valorização de aspectos culturais marginalizados por saberes hegemônicos.

Embora a maioria da comunidade estudantil haitiana seja formada por pessoas do sexo masculino, a maioria dos organizadores e idealizadores dos projetos também são homens, mas participar desses espaços foi a maneira que encontrei para me aproximar da cultura e conseqüentemente das mulheres com as quais realizei a pesquisa. No entanto, é importante ressaltar que o principal contato estabelecido com elas foi durante as entrevistas, relatadas em um segundo momento deste artigo.

4 Embora a maioria dessas ações sejam propostas por projetos de extensão, esses espaços foram pensados pela comunidade haitiana que muitas vezes não possui autonomia para propor ações de forma independente. No entanto, em alguns encontros houve envolvimento de outras pessoas que não faziam parte dos projetos, mas fazem parte da comunidade (haitianas/os ou não) na organização dos eventos. No ano de 2017, os seguintes projetos de extensão com a temática haitiana foram realizados: 1. Rassembleman: coletivo de estudos culturais haitianos; 2. Ditadura haitiana no século XX: memória e direitos humanos; 3. Kreyòl Ayisyen: Kreyòl pale, kreyòl konprann!; 4. Unila fala francês (oficina dirigida por estudantes haitianas/os que teve início após a vinda delas/es para a Unila). Também há o projeto de extensão Bonjour Foz do Iguaçu em que, embora já existisse anteriormente ao Pró-Haiti, há uma participação significativa de haitianos que ensinam a língua francesa em aulas abertas para a comunidade.

Para se manterem na Unila, as/os estudantes haitianas/os formam uma rede de apoio e cuidado entre si. Durante meu convívio com estes, percebi diversas ações que demonstram os entrelaçamentos dessa rede: algumas mulheres faziam tranças em outras/os conterrâneas/os, uns/umas levavam marmitas para as/os outras/os na faculdade, iam ao mercado juntas/os e até mesmo dividiam compras. Faziam comida em casa e chamavam outras/os para comer, emprestavam-se dinheiro, também quem tinha filhas/os acabava contando com outras pessoas para auxiliar no cuidado quando tem outros compromissos, ou até mesmo quando alguém adocece.

Logo que o ano letivo de 2015 iniciou (sendo este o ano que teve maior número de pessoas que adentraram a universidade por meio do Programa Pró-Haiti), algumas/uns haitianas/os começaram a se reunir de maneira informal para discutir assuntos relacionados à permanência na universidade e solidarizarem-se: auxiliar as pessoas que não sabiam a língua portuguesa a preparar seminários, corrigir trabalhos, explicar sobre os projetos de extensão, conversar com as/os estudantes que estavam querendo desistir, pensar e discutir projetos de impacto social no Haiti etc. E, assim, outras/os compatriotas foram sendo chamados a participar. A não publicação de edital do Programa Pró-Haiti na Unila fez com que as/os participantes desse coletivo se reunissem e elas/es entenderam que deveriam se fortalecer atribuindo-lhe um nome – Haitianismo – e, conforme iam pensando ações, selecionavam comissões organizadoras para os eventos pensados, de acordo com a disponibilidade/afinidade delas/es. Desde então, reuniam-se quinzenalmente, nos domingos de manhã, em uma das moradias estudantis.

Também se mantinham em contato cotidianamente:

A gente tem um grupo no WhatsApp “Haitianos na Unila” em que a gente compartilha informações sobre o Haiti, compartilha informações da Universidade, a gente brinca também, e quando um faz comida posta no grupo uma foto dizendo pra chegar, quem chegar primeiro come, mas é interessante que se chega mais gente, a pessoa faz mais comida.⁵

Lembro-me de que nessa ocasião o mesmo estudante me contou que há um mercado próximo da moradia em que alguns deles residem e que tem uma zona de prostituição no caminho para lá e eles tentam se organizar para não deixarem as mulheres haitianas irem sozinhas ao mercado, pois nas vezes em que foram sozinhas relataram que homens chegaram até elas oferecendo dinheiro em troca de sexo, mas quando iam acompanhadas isso não acontecia.

Todavia, é importante ressaltar que esse grupo não é homogêneo:

Entre nós já tivemos vários desentendimentos, até brigas. Temos nossas diferenças, nem todos nós participamos das reuniões, ou damos a mão para o outro em dificuldade, e nem sempre, ou quase nunca ficamos todos de acordo com coisas que poderiam beneficiar a todos [...] Muitas vezes fazemos as coisas pensando em como os de fora vão nos perceber, sem

5 Registro da fala de um estudante haitiano. Trecho retirado do diário de campo.

que haja realmente a vontade de fazer por e para nós mesmos!⁶

Além de diferentes posicionamentos pessoais, essas vivências também não ocorrem sem divergências políticas, pois as relações são permeadas por tensionamentos sociais que estão presentes nesse espaço, sendo que há discursos de desvalorização desses saberes e de posicionamentos racistas e machistas assumidos por estudantes e professoras/es.

Durante o tempo que vivenciei a Unila, nos anos de 2016/2017, o primeiro espaço que participei sobre o Haiti foi o dia da bandeira (18 de maio de 2016) promovido pelo projeto de extensão Haiti: línguas e cultura (o projeto de extensão Rasanbleman também contribuiu na promoção desse evento), em que as/os estudantes se reuniram e apresentaram sobre a história do Haiti e sobre a bandeira haitiana e fizeram apresentações culturais. Foi um espaço muito importante aberto à participação de todas/os, o que levou muitas pessoas – inclusive eu – a uma primeira aproximação com informações não midiáticas a respeito desse país.

Em seguida, e instigada por essa vivência, comecei a participar das aulas desse projeto de extensão que, por meio do ensino das línguas oficiais do Haiti (principalmente do crioulo haitiano, mas também do francês), dois haitianos (contando com a participação de outra/os haitiana/nos ao longo do curso) também nos ensinavam o mundo simbólico inserido nessas línguas e aspectos culturais desse país, nos

apresentando sobre músicas, danças, comidas, frutas, lugares etc. Esse projeto teve seguimento no ano de 2017 (com algumas modificações).

O projeto de extensão Rasanbleman: encontro com as culturas haitianas também foi criado em 2016 e teve continuidade em 2017 com modificação no nome, em que foram programadas 18 oficinas⁷ cujas

⁷ Sendo elas: 1. Ciclo de leitura de Literaturas Haitianas, envolvendo a leitura e discussão de obras poéticas de autores como René Depestre, Jacques Roumain, Franketienne, entre outros; 2. Oficina de cinema haitiano, abrangendo exposição e discussão posterior do filme: *O Homem nas Docas – L'Homme sur les Quais* (Canadá, França, 1992). Com Jean-Michel Martial, Jennifer Zubar. Em cores/105', do cineasta haitiano Raoul Peck. 3. Oficina sobre a Revolução Haitiana. Exposição e leitura de textos escritos e áudio visuais sobre a Revolução Haitiana seguida de debate. Leitura de passagens da obra *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier. 4. Oficina de Artes Visuais haitianas. Exposição do curta *E Plubirus Unum*, de Maxence Denis, Haiti, 2001, seguida da apresentação e discussão sobre obras de artistas plásticos como Philomé Obin, Hector Hyppolite, Préfète Duffaut, Antonio Joseph, Rose Marie Desruisseaux, além da discussão sobre a arte construída por haitianos no Brasil. 5. Oficina de ritmos haitianos e caribenhos. Audição, leitura, dança e discussão sobre músicas e ritmos populares no Haiti e na região antilhana. 6. Oficina de estudos da linguagem referentes à relação diglósica do Kreyòl e do Francês no Haiti, seguida de exposição comparativa entre as duas línguas. 7. Oficina de Introdução ao Kreyòl. Discussão sobre aspectos básicos da língua. 8. Oficina de Culturas Populares haitianas, seguida de discussões sobre espaços de manifestação cultural artística popular no Haiti. 9. Segundo Ciclo de Leituras de Literaturas Haitianas, envolvendo agora narrativas curtas de Danny Laferrrière, René Philoctète e Edwidge Danticat. 10. Segunda oficina de Cinema haitiano com a apresentação e ulterior discussão do longa-metragem: *O Lucro e Nada Mais – Le Profit et Rien D'Autre ou: réflexions abusives sur lalutte des classes* (Bélgica, França, 2000). Em cores/57', de Raoul Peck. 11. Oficina de cultura culinária haitiana, seguida da degustação de pratos tradicionais preparados pelos estudantes. 12. Oficina de História Haitiana: Os Docs e os anos

⁶ Devolutiva dada por uma das mulheres haitianas entrevistadas.

temáticas foram propostas “em discussões com estudantes, professores e a comunidade externa, e escolhidos a partir de sua importância real-simbólica para o povo haitiano”⁸, cujo objetivo concentrou-se em viabilizar espaços de diálogo que promovessem o conhecimento cultural sobre o país, tanto para o público acadêmico como para a comunidade em geral. O projeto era composto por 2 coordenadores e 11 estudantes haitianas/os (2 mulheres e 9 homens) colaboradoras/es.

Dentre as ações propostas por esse projeto, participei da oficina de culinária haitiana que aconteceu na “Esquina Cultural”⁹ em que houve a apresentação sobre as comidas que fazem parte dos seus hábitos culturais e algumas delas foram

de terror. Apresentação de documentário sobre as ditaduras Duvalier no Haiti 1957-1986, seguido de debates. 13. Diglossia Cultural e Religiosidades Haitianas: De vodus e cristãos. Exposição de material audiovisual sobre as religiosidades no Haiti e discussão posterior sobre o tema. 14. Segunda Oficina de Introdução ao Kreyòl. Promoção de reflexão linguística a partir de estudos comparados do Kreyòl e outras línguas neolatinas. Participação especial, via Skype, do professor Francisco Calvo Olmo, filólogo da Universidade Federal do Paraná. 15. Oficinas sobre as diásporas haitianas. Leitura de textos escritos e áudio visuais sobre as migrações históricas para e do Haiti. 16. Oficina de História Haitiana. A livre nação negra e o imperialismo. Discussão sobre geopolítica histórica envolvendo o Haiti e outros países latino-americanos. 17. Oficina Haiti-Brasil, espaços de integração. Discussão sobre o fluxo migratório Haiti-Brasil e sobre espaços de encontro e desencontro cultural. 18. Oficina de encerramento envolvendo música, poesia, danças e comidas haitianas como celebração do fechamento do Ciclo das Oficinas.

⁸ UNILA. Projeto de Extensão: “Rassembleman: encontros com as culturas haitianas”, 2016.

⁹ A Esquina Cultural está localizada na cidade de Foz do Iguaçu-PR e é um espaço voltado para manifestações culturais, apresentações artísticas, cursos, oficinas, debates, entre outras atividades que dialogam com a cultura da Tríplice Fronteira.

servidas na sequência para degustação. Houve também a leitura de um poema e uma breve conversa sobre o furacão que havia atingido recentemente o país.

Tive a oportunidade de integrar as seguintes oficinas do projeto Rasanbleman: Ciclo de Leituras de Literaturas Haitianas, Oficina de Ritmos Haitianos e Caribenhos e duas Oficinas de Cinema Haitiano, em que foram exibidos dois longas-metragens do diretor Raoul Peck – *Lumumba* (2000) e *O Lucro e Nada Mais* (2000). Estes foram espaços importantes de conhecimento cultural e compartilhamento de suas vivências, assim como de integração, em que em todas as ações propostas houve a participação de um número representativo de haitianas/os. Uma das vivências mais marcantes para mim foi após a exibição do filme *O Lucro e Nada Mais*, pois essa produção debate sobre a realidade desse país empobrecido e então iniciou-se um debate sobre os fatores que levaram o país a essas condições (a culpa era também das/os haitianas/os ou somente dos colonizadores?), como poderiam interferir nesse cenário e como deveriam proceder com as pessoas que tentassem impedir a realização dessas transformações, tornando-se um espaço de articulação importante, inclusive entre elas/es, mas aberto para quem quisesse contribuir!

Também fiz o curso de francês “Bonjour, Foz do Iguaçu! – Curso de francês língua estrangeira”, ministrado por dois estudantes haitianos durante o segundo semestre de 2016. Havia, além dessa, outras turmas em que outros haitianos ministravam aulas e, em 2017, as aulas tiveram sequência.

A noite cultural na qual houve um jantar caribenho foi um evento realizado de forma independente pela comunidade

haitiana e que teve a participação de pessoas de diversas nacionalidades que auxiliaram nos preparativos – momento este que pude contribuir. Lembro-me de um momento estar fritando banana-da-terra e ficar prestando atenção nos diversos idiomas que estavam sendo falados na cozinha. As/os haitianas/os falavam crioulo entre si, havia uma menina francesa que conversava em francês com as/os haitianas/os, nós falávamos português e também havia pessoas conversando em espanhol. Esse foi um momento rico em aprendizado sobre a culinária haitiana (na prática) e sobre a cultura.

Estávamos trabalhando desde logo depois do almoço entre organizar mesas, decorar e preparar as comidas. Então, algumas pessoas se serviam de um pouco das comidas que já estavam preparadas para repor as energias. Lembro-me que um estudante haitiano pediu se eu não tinha comido nada e então me trouxe um pedaço de pão com patê, dizendo que é costume comer enquanto cozinha, pois tem que saber o gosto do que será servido.¹⁰

O jantar foi servido enquanto ouvíamos músicas caribenhas e, em seguida, abriu-se espaço para dançar.

Chamo a atenção para o significado do nome de dois espaços mencionados: o grupo informal criado por estes estudantes – o Haitianismo – e o projeto de extensão Rasanbleman. “Haitianismo” refere-se ao aumento de revoltas das/os escravizadas/os contra as condições sub-humanas a que estavam submetidas/os que se espalharam

pela América Latina, influenciadas pela Revolução Haitiana. “Rasanbleman”, como narrado nos inícios das oficinas realizadas pelo projeto, (em *kreyòl*) faz referência às assembleias de escravizadas/os que “ao som do instrumento Lanbi, se reuniam para organizar as revoltas na época da Grande Revolução. Trazida ao presente, esta palavra pode significar a irmandade na luta pelo bem comum”¹¹. Diante da nomeação de ambos os espaços, pode-se perceber que há o resgate e compartilhamento de histórias de resistências e lutas do povo negro que demonstram uma postura ativa e que visam à conscientização e à união para transformações sociais.

A diáspora coloca em movimento demandas seculares de reconhecimento de nossa condição humana exigindo respeito às nossas tradições, às manifestações culturais, religiosas, performáticas, artísticas etc., que nos caracterizam como negros e, acima de tudo, humanos como qualquer outro que se qualifique nessa categoria (RODRIGUES, 2012, p. 13).

Compreendo a Unila como um porto no qual ancoram diversos barcos, como o Atlântico Negro e de outras etnias latino-americanas. Ao dizer isso, afirmo esse espaço como um meio de comunicação entre diferentes povos e grupos sociais minorizados (negras/os, índias/os, gays, lésbicas, travestis, periféricas/os)¹² advindos de diversos países da América Latina, que conseguiram acessar a educação superior

¹⁰ Trecho retirado do diário de campo.

¹¹ Ver nota de rodapé 6.

¹² Destaco a importância dessa diversidade permeiar qualquer instituição de ensino, sendo necessário, dessa forma, a criação e implantação de políticas públicas de acesso a esses espaços.

e utilizam esse espaço como um lugar para troca de experiências, empoderamento e resistência, e assim abre-se a possibilidade de construção de um mundo pautado em outros princípios, que não os hegemônicos.

A participação ativa de haitianas/os nesse contexto é enriquecedor porque, além da criação de ações para compartilhar sua cultura, há também trocas de seus saberes sobre o *Vodou*, o *kreyòl*, a Revolução Haitiana, que acontecem no dia a dia e na convivência com outras pessoas, assim como permite a expansão de seus saberes contra-hegemônicos dos quais podem vivenciar nesse novo contexto, como exemplo, as religiões afro-brasileiras. Na festa Caboclo de 7 Laços promovida pelo terreiro de candomblé Ile Asè Oju Ogun Funmilayo localizado em Foz do Iguaçu-PR, lembro que por muito tempo um estudante haitiano ficou conversando com uma moça que estava interessada sobre o *Vodou*, contando sobre suas crenças e rituais. Nessa festa religiosa de matriz africana havia também pessoas de outras nacionalidades.

Sem contar que a expressão negra vai além das palavras ditas e escritas, ela está nas danças, nas músicas, nas expressões, nas entonações de voz – em um espaço que é compartilhado para além do espaço físico da Unila (que se desloca, movimenta-se), estando presente nos encontros informais, festas etc. Outros exemplos são os encontros e festas de que participei na cidade, como as festas Afrosom, em que tocavam músicas afros produzidas em diversos países, sendo esses espaços lugares de expressões corporais, construções coletivas de danças e compartilhamento de vivências, sensações e aprendizados.

Comunidades, mais que indivíduos, tornam possível o fazer; alguém faz com mais alguém, não em isolamento individualista. O passar de boca em boca, de mão em mão práticas, valores, crenças, ontologias, tempo espaços e cosmologias vividas constituem uma pessoa. A produção do cotidiano dentro do qual uma pessoa existe produz ela mesma, na medida em que fornece vestimenta, comida, economias e ecologias, gestos, ritmos, habitats e noções de espaço e tempo particulares, significativos (LUGONES, 2014, p. 949).

A construção de novas formas de ser e pensar também se dá diante das novas possibilidades que acessamos nos encontros, nos entrecaminhos; para além dos espaços formais, se dá no convívio, na troca, na ressignificação e no resgate. Conviver com o outro, o que me é diferente, mas ao qual também passo a fazer parte, torna alargadas as possibilidades fronteiriças, o que faz brotar novas gestualidades, ritmos, palavras, significações, sotaques, sentimentos e sensações.

Participar desses espaços foi de fundamental importância para ter uma aproximação e convivência com a cultura haitiana e com os/as estudantes que fizeram parte da pesquisa. Embora o foco da pesquisa seja com mulheres haitianas estudantes da Unila, a predominância nessa universidade é de estudantes haitianos e estes contribuíram para a construção de saberes e, inclusive, para a minha aproximação com as mulheres estudantes que participaram da pesquisa, tendo em vista que a maioria delas demonstrava-se mais reservada que os homens para estabelecer diálogos com quem não as conheciam.

Adentrando o espaço universitário: trajetória migratória das mulheres e a Unila

Nesta pesquisa, seis estudantes haitianas foram as interlocutoras principais que possibilitam o desenvolvimento deste trabalho. Essas mulheres realizavam os seguintes cursos de graduação: Administração Pública e Políticas Públicas, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Biológicas – Ecologia e Biodiversidade, Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar, Engenharia Civil de Infraestrutura, História – América Latina. Das seis entrevistas realizadas, cinco foram com mulheres que possuem nacionalidade haitiana e a outra com uma que possui nacionalidade venezuelana (mas como filha de pai e mãe haitianos, identifica-se como haitiana). É importante ressaltar que as entrevistas foram realizadas no ano de 2017.

Todos os nomes utilizados para se referir a elas são fictícios e fazem referência a mulheres que possuem importância histórica para o Haiti, como uma forma de homenageá-las. No entanto, no momento que se segue, as mulheres serão referenciadas de acordo com a ordem em que foram entrevistadas e não associadas aos nomes fictícios, como uma forma de preservar as suas identidades.

No momento da investigação junto às mulheres, a primeira entrevistada relatou que morava há 5 anos no Brasil, que migrou com a família e que anteriormente à vinda para o Brasil esteve na República Dominicana, lugar em que morou 2 anos após o terremoto de 2010, quando o escritório do pai foi derrubado e teve familiares e amigos que foram afetados pela catástrofe.

Depois de 3 anos morando no estado de São Paulo com a família, começou a cursar história na Unila. Pretendia fazer um curso na mesma cidade em que seus pais moravam, mas não conseguiu entrar na universidade com a nota do Enem e, como na Unila tinha o Pró-Haiti, conseguiu ingressar por meio desse programa.

A segunda entrevistada vivia na zona rural da cidade de Gonaïves, indo morar em Porto Príncipe para estudar, onde cursava o segundo ano de enfermagem quando um amigo do pai disse que tinha bolsas de estudos no Brasil e o pai dela achou melhor que ela tivesse um diploma internacional e falou pra ela vir estudar nesse país. Ela não queria, pois pensava em sair do Haiti só para fazer mestrado ou doutorado, mas como ele insistiu, acabou aceitando. Chegou no Brasil no final de 2013 e trabalhou um ano na cidade de Itajaí-SC numa empresa têxtil. Cursava a graduação de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar na Unila.

A terceira entrevistada relatou que em 2013 comprou um visto por 2.000 dólares para vir para o Brasil e chegou a Porto Alegre no dia 1º de dezembro de 2014, chegando à casa de uma amiga cuja irmã havia estudado com ela. Cursava Biologia, disciplina que disse sempre ter gostado de estudar.

A quarta entrevistada é filha de pais que migraram do Haiti para a Venezuela na década de 1970 (primeiro o pai para trabalhar num restaurante, depois a mãe) e, quando o seu irmão tinha uns 9 anos, migrou também, tendo que ir trabalhar, porque ingressou de forma ilegal no país, mas mais tarde regularizou-se. Ela e sua irmã nasceram na Venezuela. Sua mãe ia

a cada 2 anos para o Haiti e no tempo que ficava na Venezuela comprava coisas para levar para familiares, mas não só família de sangue, e sim pra todo mundo que mora na mesma rua e, quando retornava, trazia muitas coisas relacionadas à comida (consideravam o melhor mês do ano). Sua família mantinha contato com os familiares que permaneciam no Haiti por meio do envio e recebimento de fitas cassetes, através das quais conversavam. Seu irmão ficou sabendo no seu trabalho de um programa do Ministério de Educação da Venezuela sobre a Unila, suas duas irmãs enviaram os documentos necessários para pleitear as vagas e assim adentraram na universidade. Ela estudava Engenharia Civil na Unila e sua irmã formou-se em Economia nessa mesma universidade.

A quinta entrevistada relatou que primeiro o seu irmão que estudava na República Dominicana veio estudar no Brasil, depois, por dificuldades financeiras, o seu pai pediu para que ela viesse também. Então veio depois de um ano e pouco que seu irmão estava no Brasil. Ambos moravam em Cascavel e alguns meses antes de sair o edital do Pró-Haiti da Unila conheceram um grupo de professores que estavam pesquisando sobre migração haitiana e que avisaram que havia saído esse edital. Seu irmão cursava biotecnologia na Unila e ela (que já iniciou o curso de Engenharia Civil, mas no momento que veio para o Brasil cursava Administração e Direito no Haiti), realizava a graduação de Arquitetura nessa universidade.

A sexta e última entrevistada contou que primeiro seu marido veio para o Brasil e começou a cursar Biotecnologia na Unila, estando no Brasil há 5 anos. Ela, para vir para o Brasil, fez o seguinte percurso: foi para a

República Dominicana, depois para o Equador (onde permaneceu 3 meses) e depois veio para o Brasil. Cursava Administração Pública e estava no terceiro ano quando entrevistada.

As mulheres haitianas comentaram sobre a Unila durante as entrevistas. Disseram gostar da universidade, das/os professoras/es, da oportunidade de aprender sobre diversas culturas e de conviver com diversas línguas. Mas também houve o relato de já terem experienciado o racismo em sala de aula e em outros pontos da cidade, de viver situações de repressões policiais, fazendo com que não possuam liberdade de expressão e possibilidade de assumir posicionamentos políticos, pois, no termo de compromisso assinado ao adentrar na universidade, estudantes estrangeiras/os são obrigadas/os a se comprometerem que não se envolverão em assuntos relacionados às políticas internas e externas brasileiras, fazendo com que muitas vezes sejam impossibilitados de assumir posicionamentos políticos diante de fatos que interferirão nas suas vidas, já que residem em território brasileiro.

A estudante haitiana advinda da Venezuela também relata a importância da Unila para a sua conscientização a respeito do racismo:

Então, quando eu cheguei aqui no Brasil, eu comecei a entender o racismo de forma diferente! Lá na Venezuela, por exemplo, eu não entendia o racismo da mesma forma! Vivenciei o racismo? Sim! Passei por situações de racismo sim! [...] E aqui eu comecei a entender bem mais, de forma mais... específica assim, do que pode ser considerado como racismo! E lá eu não tinha essa consciência porque eu

fui conscientizada aqui na verdade... [A Unila contribuiu nesse processo?] Muito, muito, muito! A conscientização em relação ao racismo foi bem forte! E eu sinto isso parte de mim hoje, entendeu? E eu realmente a agradeço muito!

Também houve o relato de vivenciarem o racismo na Unila:

[Já vivenciou racismo no Haiti ou no Brasil?] No Haiti não porque é um país negro. Não tem racismo! Aqui sim! Às vezes na sala de aula, em ponto de ônibus, terminal, tem... [Você me disse que sentiu racismo na sala de aula...] Sim, mas isso não me preocupa porque eu conheço o que eu sou. E eu tenho capacidade, mesmo que eu não tenho capacidade pra falar tudo o que eu sinto [referindo-se à dificuldade de expressar-se em português], mas eu tenho capacidade pra fazer qualquer coisa!¹³

Esse relato evidencia que a universidade não é somente um espaço de respeito às diversidades e construção de saberes outros, mas também um território em que se manifestam opressões e tentativas de inferiorizações do outro. Esses posicionamentos encontrados, muitas vezes, tornam-se entraves que interferem na espontaneidade do relacionar-se, em limitações que impossibilitam interlocuções, mas também proporciona a possibilidade de, a partir da experiência, abrir-se para novos posicionamentos, mais humanizados e empáticos.

Maria Lugones (2014) se apoia em outros autores ao falar da importância da

lógica da coalizão em contraposição à lógica das dicotomias, pois esses embates ocorrem emergidos em relações de poderes que, ao se encontrarem, exigem criatividade para “ser-sendo”¹⁴, nos chamando a atenção para as produções de formas de vida que ocorrem nesses espaços, pois “a multiplicidade nunca é reduzida” (Ibidem, p. 950).

Pretensões futuras relacionadas ao país de origem

As mulheres haitianas entrevistadas dizem ter pretensões futuras que se relacionam ao Haiti.

Eu pretendo, bom, após meus estudos, não imediatamente, mas, haamm, eu pretendo voltar pra lá e... estabelecer.... não sei, tipo, eu gostaria de atuar na área da educação, então eu gostaria muito de ir pra lá e... tentar uma reforma educacional lá e trabalhar também muito com a questão de identidade cultural.¹⁵

Joint (2008) afirma que as desigualdades referentes às oportunidades escolares no Haiti refletem e perpetuam as discrepâncias sociais, sendo que, ao longo dos tempos, as reformas educacionais propostas não atingiram os resultados esperados, porém esse pode ser um instrumento de fundamental importância para o desenvolvimento social, político e econômico do povo

¹³ Entrevista concedida por Marie-Claire Heureuse Félicité Bonheur.

¹⁴ O uso do termo foi mantido conforme a autora Lugones fez uso no texto citado.

¹⁵ Entrevista concedida por Cécile Fatiman.

haitiano, mas um dos grandes entraves é que um grande contingente de crianças nem sequer tem acesso à escola.

A entrevistada estudante de Biologia também fala de suas intenções de voltar para trabalhar no Haiti, dizendo que lá não tem a profissão de biólogas/os e que acha que são as/os agrônomas/os que dão aulas dessa disciplina no Haiti, sendo que para a sua inserção no mercado de trabalho também será necessária a abertura do mercado para essa profissão – o que por si só já traria implicações.

Ai, meus sonhos para meu país é... ajudar as crianças que não têm possibilidades e fazer políticas públicas na agricultura, porque tem uma agricultura muito tradicional no meu país, por isso eu quero voltar pra trabalhar, pra ajudar... a agricultura familiar não é muito boa pra nós porque não tem... Antes, o Haiti era um país autossuficiente mas agora não. Porque não tem... o governo não investe na agricultura, não tem máquinas, não tem nada... eu acho que... a agricultura tradicional não é boa lá... A gente precisa de uma agricultura moderna.¹⁶

Seguy (2014) nos fala da importância de nos atentarmos para as questões agrárias no Haiti, tendo em vista que a terra foi explorada como principal fonte de riqueza deste quando imperava o sistema semifeudal, sendo a terra o elemento central da mais antiga tradição de luta campesina, acreditando ser “a partir desta que se deve estudar toda a história haitiana” (Ibidem, p. 252).

¹⁶ Entrevista concedida por Marie-Claire Heureuse Félicité Bonheur.

E o que ficou claro foi que a tradição de lutas por mudança nas condições de vida no Haiti é um legado do campesinato, uma vez que a questão agrária foi e talvez até hoje é a questão fundamental neste país cuja população rural está em torno de 60%. Enquanto todas as lutas sociais se travavam em volta da questão agrária, a partir da segunda metade do século XX, essa questão vem perdendo terreno sistematicamente. Até por que hoje, a reivindicação principal dos camponeses é o desenvolvimento da comunidade (Ibidem, p. 307).

O autor também nos alerta sobre a expulsão sistemática das terras de cultivo que camponeses vêm enfrentando com a instalação de empresas multinacionais no Haiti, fenômeno esse que vem influenciando na escolha por cultivar alimentos cujos ciclos são mais rápidos, o que torna as terras propícias a erosões, tendo em vista que as terras do país são montanhosas.

A entrevistada Dédé Bazile também relata desejo de promover mudanças no país de origem, dizendo este ter sido um fator decisivo na escolha do curso de graduação:

É que desde criança eu queria fazer Engenharia Civil. Daí... depois eu pensei muito e mudei de ideia, porque eles... eles precisavam de ajuda e eles pegavam tantas pessoas do exterior para ajudar. Arquitetura, na planta, no planejamento e eu decidi fazer arquitetura, só para isso! Para participar da reconstrução do meu país! [...] Minha intenção é fazendo mestrado, doutorado, ter uma experiência fora, e depois participar, seja numa organização, numa coisa internacional, daí pra, porque sozinha uma pessoa não

vai resolver uma coisa quando, no desenvolvimento de, eu por exemplo pensei nas BRs do meu país, nas rotas que são muito ruins! Pense na paisagem que está muito desvalorizada agora. Mas fazendo isso, pedir muitas coisas, que você não vai, você vai ter que se juntar com outras pessoas, ajudar antes de receber ajuda em troca. Minha intenção é isso! Não visando o Haiti primeiro porque eu sei que, eu não tenho como fazer isso, mas seguir ajudando os outros, depois receber em troca, e essa troca vai ser no meu país!

Seguy (2014) denuncia o governo e as instituições que atuam na reconstrução do Haiti como uma indústria lucrativa, em que só removem os escombros do terremoto quando os proprietários pagam uma taxa que pode superar 20.000 dólares. Diante de um cenário em que um conjunto de desastres naturais estão atingindo o país de forma sistemática (terremoto, enchentes, furacões) deve ser pensados projetos de reconstrução que reduzam as vulnerabilidades presentes no território.

[...] a minha ideia sempre foi realmente ir lá no Haiti, em algum momento que eu tivesse condições, ir lá e ter tipo uma participação ativa lá, de alguma coisa, ir morar lá um tempo. Eu sempre tive isso na minha mente! [Já pensou em algumas ações que poderia desenvolver?] Então já, já várias vezes a gente, aqui com o professor Pablo Felix, tem mais professores que a gente, durante um tempo, discutia muito sobre as questões do Haiti, é... e, tipo, se for pra participar de atividades eu sempre estou bem, bem atenta né...¹⁷

¹⁷ Entrevista concedida por Catherine Flon.

Essas pretensões mais uma vez quebram com a ideia de passividade em que as mulheres haitianas são vistas no processo migratório, pois estas demonstram entender sua vinda para cá como parte de um processo de conhecimento e fortalecimento que, com o retorno, procurarão utilizar-se desses instrumentos para realizar transformações no seu país de origem.

É importante lembrar que a diversidade de cursos de graduação em que elas estão se qualificando pode impactar em potencialidades de transformação de que a realização de projetos nessas áreas de conhecimento e atuação podem trazer para o Haiti ou para onde elas forem atuar. No entanto, também destacamos a importância da presença dessas mulheres na academia, onde vivenciam a possibilidade de questionar e produzir conhecimentos a partir de suas vivências e “a potencial utilidade de se identificar o próprio ponto de vista ao se conduzir uma pesquisa” (COLLINS, 2016, p. 101).

Patricia Hill Collins (2016) destaca que a experiência de mulheres negras na academia pode visibilizar omissões e distorções no pensamento sociológico, já que essa ciência é produzida por privilegiados¹⁸ (homens brancos e seus discípulos) e estes não conseguem perceber as falhas dessas teorias por partilharem

¹⁸ A autora Patricia Hill Collins (2016) faz uso dos termos *insider/outsider within*; no artigo que utilizamos, traduzido por Juliana de Castro Galvão, a tradutora opta por manter os termos no original, sinalizando que não há correspondente em português. Nesta pesquisa, opto por utilizar “privilegiados” e “forasteiras/os de dentro” para sinalizar estas proposições, com a finalidade de tornar esta discussão mais acessível, traduções estas sugeridas pela tradutora como possibilidades de aproximação com as palavras originais.

os mesmos posicionamentos. Portanto, as mulheres negras ao se manterem em um posicionamento de criticidade, utilizando de suas vivências como fonte de conhecimento e fazendo uso da tensão criativa para estabelecerem seus pensamentos, podem trazer contribuições fundamentais tanto para as teorias como para outros grupos de forasteiras/os de dentro, ou seja, grupos minorizados que adentraram o espaço da academia e nunca estiveram confortáveis diante dos conhecimentos vigentes, demonstrando, a partir desse ato, a possibilidade de serem diferentes. “A abordagem sugerida pelas experiências das *outsiders within* é de que os intelectuais aprendam a confiar em suas próprias biografias pessoais e culturais como fontes significativas de conhecimento” (Ibidem, p. 123).

Bell Hooks (2004), em seu livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*, compartilha a sua experiência como professora negra universitária demonstrando sua atuação nesse espaço como uma resistência, pois assume uma postura comprometida com a transformação da realidade ao participar e propor diálogos e debates políticos que quebram com a imposição do silêncio e que se opõem e resistem diante de práticas opressivas e de exploração. A autora também destaca a importância de criar comunidades abertas ao aprendizado, proporcionar espaços de compartilhamento de experiências e manifestação do multiculturalismo, incentivar a produção de novos conhecimentos a partir dessas experiências e da realidade e levar o entusiasmo para dentro da sala de aula, situando essas atitudes como transgressoras, destacando o valor do trabalho intelectual.

Oliveira (2010) expõe as proposições de Haraway para que sejam realizadas teorias feministas que assumam a perspectiva de testemunhas modestas, postura esta de sujeitos situados que elaboram interpretações parciais, cujas produções não visam a reprodução para outras situações, pois são contextuais. No entanto, acredito que esse posicionamento diante das produções de conhecimentos pode ser assumido nas pesquisas elaboradas nas mais diversas áreas, pois não queremos limitações, e saliento a importância de expandirmos nossas perspectivas de análise para os mais diversos campos dos saberes.

De acordo com Nelly Richard (1996), quando uma mulher toma a palavra, ela está adentrando em um espaço de discurso que é formado majoritariamente por regras masculinas, pois a literatura feminina latino-americana é duplamente inferiorizada (pela centralidade do poder ser masculina e ocidental). Tomar a palavra seria uma forma de desnaturalizar a realidade atribuindo novas interpretações, percorrendo novos trajetos conceituais.

Com isso, a autora demonstra a importância de produzirmos nossas próprias interpretações culturais e dessa forma adentrarmos nas disputas de poder contidas na palavra. Portanto, ao tomar a palavra e teorizar sobre as vivências ocorridas em nosso território latino-americano, adentramos um embate político com a possibilidade da narração que ao longo da história nos foi negado. Glissant (2015) aponta a necessidade da escrita – forma de expressão ocidental – estar encharcada de oralidade para continuar existindo, concebendo a existência ao nomear o que cala, não falando por, mas aguardando a sua própria palavra e assim

contribuir para uma nova expressão que extrapole os limites das escrituras e contribua para a audiência de uma nova voz.

Considerações finais

Ao longo deste ensaio, o conceito de diáspora foi utilizado de forma a extrapolar os deslocamentos geográficos e, a partir da narrativa das estudantes haitianas da Unila e da convivência com a comunidade haitiana nesse espaço, procuramos analisar trajetórias, interpretações, deslocamentos de pensamentos e experiências.

De acordo com Marilise Luiza Martins dos Reis (2012), a diáspora se apresenta como o lugar das contradições por se engendrar por meio de adaptações a culturas dominantes e de negociações e estratégias em espaços híbridos e múltiplos, estando, portanto, formando identidades incompletas que produzem identificações na dispersão geográfica e cultural, deixando de ser um lugar de lamento, nostálgico, para se tornar uma consciência identitária (HALL, 2003), que fala de uma experiência histórica particular, representando a resistência desses movimentos sociais.

No entanto, é preciso considerar as diferenças socialmente construídas nos contextos migratórios e nos entrecruzamentos – políticos, econômicos, culturais, sociais – que mutuamente se influenciam e captar as experiências femininas para análise, considerando os contextos e as posições de sujeitos específicos, pois essa é uma forma de compreender outros sentidos

que foram ocultos, já que as narrativas e experiências das mulheres são invisibilizadas quando esse fenômeno é analisado (PERES, 2016).

A desigualdade, no que se refere ao volume de homens e mulheres que migram, mascara a participação das mulheres, atribuindo-lhes papéis coadjuvantes, geralmente ligados à função de reunificação familiar (Ibidem, 2016). A autora ainda destaca: “Encarar as mulheres como agentes secundários de processos migratórios, invisíveis em suas especificidades, implica em ignorar complexidades e heterogeneidades” (Ibidem, p. 270).

As mulheres haitianas são consideradas a população de maior vulnerabilidade por terem maior dificuldade de migração que os homens, já que por desigualdades de gênero, estes cultivam “hábitos e valores que os tornam mais aptos à migração e às escolhas das rotas migratórias” (ROSA, 2007, p. 72) enquanto as mulheres migram em um percentual significativamente menor, encontrando mais dificuldades no processo migratório, e não possuem o mesmo suporte de compatriotas quando são elas que migram (Ibidem). Do entrecruzamento da violência de gênero com a racial, essas mulheres emergem construindo uma narrativa que desconstrói e realizam novas interpretações (REIS, 2012).

Embora algumas das mulheres entrevistadas tenham vindo para o Brasil com a pretensão de reunirem-se com familiares, suas vivências nesse país extrapolam esses encontros, pois adentraram a universidade realizando diversos cursos de graduação e mantiveram uma postura ativa nesse espaço, onde utilizaram de diversas estratégias cotidianas (e por vezes coletivas) de

resistência e promoveram o alargamento das fronteiras nesse âmbito.

A liberdade de criar, de trazer novas referências visuais, sonoras, espaciais começa a ser assumida como um elemento que possibilita dar outro sentido, e um sentimento de que é possível vivenciar novos caminhos estéticos, para além daqueles orientados pelo olhar europeu, ocidental, judaico-cristão (Ibidem, p. 168).

Ao analisar as informações obtidas durante a pesquisa, é possível perceber que as mulheres haitianas que estudam na Unila tiveram ao longo da vida acesso à educação formal no país de origem, o que não é a realidade da maioria das mulheres desse país. Também se percebeu que participam de uma rede de apoio mútuo com outras/os compatriotas, o que lhes dá força para seguirem os percalços que se apresentam durante esse período.

De acordo com Marilise Luiza Martins dos Reis (2012), o tempo da diáspora é outro – cíclico, que envolve adaptações e resistências às culturas dominantes e a outras presentes naquela configuração de espaço-tempo, também a encontros e identificações com outras formas de viver a negritude, que, por sua vez, também são frutos de moldagens a outras culturas hegemônicas, demonstrando que há uma constante produção e troca cultural que produzem novas dinâmicas. A autora salienta que a migração não é só de pessoas, mas também de objetos, discursos, costumes, em que os escambos ocorrem de forma criativa, ativa, estratégica em diversos âmbitos da vida, sendo sempre incompleta, pois é produzida nas negociações, nos “entre-lugares”. ■

[ANGELA MARIA DE SOUZA]

Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente do Curso de Antropologia e do Mestrado Interdisciplinar em Estudos Latino Americanos (PPG-IELA) na Universidade Federal da Integração Latino Americana (Unila).

E-mail: angelas2508@gmail.com

[KARINA SCHIAVINI]

Mestra em Estudos Latino-Americanos pela Universidade Federal da Integração Latino Americana (Unila), trabalha como psicóloga no município de Chopinzinho-PR.

E-mail: schiavini.k@gmail.com

Referências

COLLINS, Patrícia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Tradução de Juliana de Castro Galvão. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2001.

GLISSANT, Edouard. **El discurso antillano**. Guayaquil: Universidad de Las Artes, 2015.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG; Brasília, DF: Unesco, 2003.

HANDERSON, Joseph. **Diáspora**: sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 43, p. 51-78, 2015.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: dar forma a la teoría feminista. In: HOOKS, Bell *et al.* **Otras inapropiables**: feminismo desde las fronteras. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004. p. 33-50.

JOINT, Louis Auguste. Sistema educacional e desigualdades sociais no Haiti: o caso das escolas católicas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 181-191, 2008.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 4, p. 935-952, 2014.

MARINO, Aline Marques. Pró-Haiti: reflexões sobre as ações afirmativas para haitianos nas universidades públicas brasileiras. In: ENCONTRO NACIONAL DO CONPEDI, 25., 2016, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: CONPEDI, 2016. p. 94-110.

OLIVEIRA, João Manuel de. Os feminismos habitam espaços hifenizados: a localização e a interseccionalidade dos saberes feministas. **Ex æquo**, Vila Franca de Xira, n. 22, p. 25-39, 2010.

PERES, Roberta. Imigração e gênero: as mulheres haitianas no Brasil. In: BAENINGER, Rosana *et al* (org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 267-286.

PIMENTEL, Clara Alencar Villaça. A diáspora africana e suas implicações na figura da mulher negra na sociedade atual. **Darandina**, Juiz de Fora, v. 12, p. 1-10, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/2NkGIHo>. Acesso em: 19 jul. 2019.

REIS, Marilise Luiza Martins dos. **Diáspora como movimento social**: a Red de Mujeres Afrolatinoamericanas Afrocaribeñas y de la Diaspora e as políticas de combate do racismo

numa perspectiva transnacional. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2NkGIHo>. Acesso em: 19 jul. 2019.

RICHARD, Nelly. Feminismo, experiencia y representación. **Revista Iberoamericana**, Santiago, v. 62, n. 176-177, p. 733-744, 1996.

RODRIGUES, Ricardo Santos. Entre o passado e o agora: diáspora negra e identidade cultural. **Revista EPOS**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 1-17, 2012.

ROSA, Renata de Melo. Xenofobização da mulher negra migrante no processo de construção do feminino em emigração: a migração feminina haitiana em Santo Domingo. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, DF, v. 15, n. 29, p. 71-85, 2007.

SEGUY, Franck. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti**. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.